

Sucessão na Alego testa força política de Daniel Vilela

Disputa pela presidência da Assembleia reúne reeleitos, novatos e ex-presidente da Casa e será o primeiro grande teste de articulação do governador para 2027.

Página 3

Flávio reúne força política em Goiás; Lula busca reação

Candidato do PL tem apoio de Caiado, Daniel Vilela, senadores e mais de 160 prefeitos; petistas apostam em mobilização nas ruas e nas redes para reduzir a vantagem no Estado.

Página 6

Gigantes do futebol ameaçados pela Série B

Corinthians, Grêmio, Internacional e Vasco entram na reta final do Brasileirão sob pressão contra o rebaixamento, em meio a crises esportivas e problemas financeiros.

Página 12

TRIBUNA DO PLANALTO



Ano 40 • Nº 1.866 • R\$ 2
Goiânia, de 11 a 17 de outubro de 2026

Entrevista

Paulo Moura
Estrategista político

"A direita cresce enquanto se fragmenta e deixa de depender dos partidos"

Estrategista político afirma que campanhas apostaram em performance e polarização, deixaram propostas em segundo plano e não conseguiram captar o sentimento de um eleitor mais politizado.

Páginas 4 e 5

Liderança nacional

Sem mandato, Aava mira 2028



Após receber 123,3 mil votos e ficar fora da Câmara Federal, presidente estadual do PSB perde cadeira de vereadora em Goiânia e busca fortalecer bases políticas para os próximos embates eleitorais.

Página 8

Saúde

Daniel Vilela vistoria obras do novo Hugo e garante funcionamento em 2027

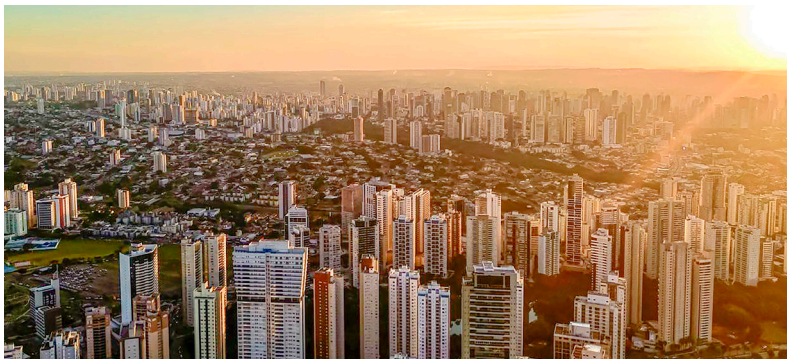


Ao lado do ex-governador Ronaldo Caiado, chefe do Executivo goiano destaca qualidade de nova estrutura, que será ampliada para atendimento de urgência e emergência com 531 leitos.

Página 9

Comemoração

Centro de Goiânia será palco de grande festa no dia 24 de Outubro, aniversário de 93 anos da capital



Festival Viva Goiânia também leva programação cultural, esportiva e de lazer a 11 bairros de Goiânia durante o mês de outubro.

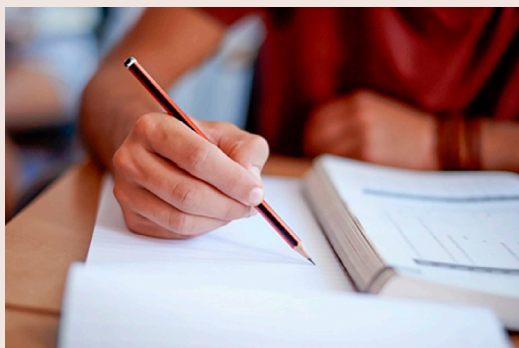
Página 10

Pós-eleição

MDB assume protagonismo em Goiás, mas ainda caminha à sombra de Caiado

Partido experimenta mais um renascimento com a reeleição de Daniel Vilela no primeiro turno, mas depende da aliança com ex-governador, avalia cientista político.

Página 7



ESCOLA

Educação: promessas sem garantia de execução

Planos de Lula e Flávio Bolsonaro divergem sobre os caminhos para o ensino público, mas especialistas apontam lacunas no financiamento, na definição de metas e nas estratégias para melhorar a aprendizagem.

Página 11

Editorial

Artigo

Eleições pobres em propostas

Uma eleição deveria ser o momento de confronto de ideias, apresentação de propostas e discussão dos caminhos que o País pretende seguir. O primeiro turno das eleições presidenciais, porém, expôs uma realidade preocupante: o empobrecimento do debate político, substituído por ataques, disputas de narrativas e estratégias voltadas mais à performance do que ao conteúdo. Nesse cenário, todos perdem, sobretudo a sociedade.

Quando candidatos priorizam a disputa pela atenção do eleitor, questões essenciais ficam em segundo plano. Segurança pública, desenvolvimento econômico, emprego, saúde e educação exigem propostas consistentes e explicações sobre como serão executadas. Não basta apontar erros dos adversários ou repetir palavras de ordem. Governar requer conhecimento dos problemas, capacidade de formular soluções e compromisso com resultados.

Em entrevista à Tribuna do Planalto, o estrategista político Paulo Moura aponta a desconexão entre as campanhas e as preocupações cotidianas da população. Para ele, a comunicação plastificada e previsível deixou de lado a realidade do cidadão comum. O eleitor, entretanto, não está alheio à política. Está mais informado e politizado, mas demonstra indignação diante de representantes que oferecem pouco além da polarização.

Em Goiás, a distância entre as campanhas e as demandas concretas também merece reflexão. Os desafios do Estado não se resumem ao agronegócio ou à segurança pública. Mobilidade, infraestrutura urbana, saúde, educação e saneamento interferem diretamente na vida das pessoas e precisam ocupar espaço central no debate eleitoral.

A polarização favorece quem transforma a política em disputa de identidades e costumes. Esse modelo, contudo, enfraquece a democracia quando impede o confronto de argumentos e alternativas. O eleitor acaba chamado a escolher lados sem dispor de elementos suficientes para avaliar os projetos de governo.

O segundo turno oferece aos candidatos a oportunidade de corrigir essa trajetória. Em vez de insistirem em fórmulas desgastadas, precisam apresentar propostas claras, reconhecer problemas e explicar como pretendem enfrentá-los. À imprensa cabe continuar cobrando respostas e promovendo o debate qualificado. Uma democracia não se fortalece apenas com eleições disputadas, mas com debate e propostas.

A criança que imagina hoje transforma o mundo amanhã

“A criança que desenvolve o imaginário hoje pode ser a mente que amanhã faz avançar o conhecimento e contribui para transformar o mundo”. Essa é uma ideia que merece mais atenção do que costuma receber. A capacidade de imaginar e pensar além do que já existe está na origem de novas ideias, invenções, descobertas científicas e avanços nas mais diversas áreas do conhecimento.

Rollo May, em A Coragem de Criar, aproxima a criatividade dos grandes cientistas daquela desenvolvida na infância pelo imaginário: foi dando vazão à fantasia, ainda cedo, que a mente de grandes inventores se abriu e, na idade adulta, aliada ao conhecimento acumulado nos estudos, os conduziu às suas descobertas. **Ou seja, a fantasia não é luxo pedagógico, é estrutura.**

A Educação Infantil, no entanto, está cada vez mais voltada aos valores cognitivos: a criança precisa aprender a ler mais cedo, escrever, somar, multiplicar. Nesse ritmo, subestima-se algo essencial — o espaço para criar e deixar a imaginação fluir.

É aqui que a arte, seja pela literatura, pelo desenho, pela música ou pelo teatro,

cumprir um papel que nenhuma tela substitui: ela não apenas entretém, constrói. A expressão artística fortalece três dimensões da criança: a emocional, ajudando-a a nomear sentimentos que ainda não sabe verbalizar; a cognitiva, estimulando o raciocínio simbólico e a resolução criativa de problemas; e a social, já que criar em grupo ensina cooperação e empatia.

Esse cuidado se torna ainda mais urgente diante de um cenário conhecido: o tempo crescente que crianças pequenas passam diante de telas. O excesso de tecnologia na primeira infância já foi associado a atrasos na linguagem, dificuldades de atenção e menor repertório de brincadeira simbólica, justamente aquela que alimenta a imaginação.

Como escritora e arteterapeuta, também ligada à área científica, procuro unir essas vertentes ao escrever para crianças, levando a elas o saber da ciência permeado de encantamento. É o que busquei, por exemplo, em O Alfabeto dos Animais, obra em que ciência, poesia e ludicidade se encontram, e que ganhou ainda mais significado ao ser ilustrada por uma criança de oito anos. Afi-

nal, ciência e fantasia não estão em lados opostos, uma é caminho para a outra.

Cada linguagem artística oferece à criança uma forma diferente de organizar o mundo. E, nesse processo, pais, avós e educadores têm um papel decisivo: são eles que, no dia a dia, estimulam a expressão artística da criança, ajudando-a a descobrir seu potencial criativo e a sentir-se capaz de gerar algo novo, do zero.

É por isso que a arte é indispensável à infância. Não porque acrescente beleza ao currículo, mas porque amplia o próprio horizonte do que uma criança pode pensar, sentir e imaginar. É nesse exercício de criar outros mundos que ela começa, também, a descobrir que o mundo em que vive não é imutável e que pode transformá-lo.



Consuelo Pagani,
é escritora, poetisa, arteterapeuta e artista plástica. Autora de O alfabeto dos animais.

Artigo

Memórias que começam na infância

Goiânia possui uma gastronomia forte, diversa e reconhecida. Seus restaurantes, sabores e profissionais também fazem parte da identidade da cidade. Mas uma cidade só é verdadeiramente de todos quando as possibilidades que ela oferece podem ser vivenciadas por todos. Democratizar a cidade significa permitir que crianças de diferentes realidades conheçam seus espaços, sua cultura, sua gastronomia e suas possibilidades.

Outubro nos convida a olhar para a infância. Mais do que celebrar as crianças, este mês nos lembra da responsabilidade de pensar quais experiências estamos proporcionando a elas e que relação

queremos que construam com a cidade onde vivem.

Recentemente, acompanhei uma dessas experiências. Crianças atendidas pela rede socioassistencial de Goiânia participaram da Semana da Criança, iniciativa da Abrasel e do Sindibares, em parceria com a Prefeitura, que reúne cerca de 1.500 crianças em restaurantes da capital. Entre brincadeiras, descobertas e novos sabores, observei algo que vai além do lazer: o encantamento de quem está conhecendo uma parte da própria cidade.

Quando uma criança entra em um restaurante, conhece os profissionais, observa uma cozinha e experimenta um prato diferente, descobre

mais do que uma refeição. Amplia seu repertório, desperta curiosidades, imagina profissões e, principalmente, percebe que aquele espaço também pode ser seu.

É assim que o pertencimento começa a ser construído. Por isso, considero tão importante a união que tornou essa experiência possível. O poder público tem o papel de articular e criar condições para que as políticas aconteçam, mas uma cidade não se constrói apenas dentro da estrutura pública. Quando entidades, empreendedores e restaurantes abrem suas portas e assumem responsabilidades sociais, participam da construção de uma cidade mais inclusiva.

Essa parceria mostra que responsabilidade social e desenvolvimento podem caminhar juntos. Ao receber as crianças, o setor gastronômico oferece experiências e contribui para tornar a cidade mais acessível. Afinal, política pública não é somente oferecer serviços. É criar oportunidades de convivência, descoberta e participação.

Isso é especialmente importante na infância, quando muitas memórias afetivas começam a se formar. Talvez aquelas crianças não se lembrem, daqui a alguns anos, exatamente do que comeram naquele dia. Mas poderão se lembrar de como se sentiram: acolhidas, curiosas, felizes e pertencentes.

Goiânia completa 93 anos em um momento em

que celebramos uma cidade “feita pra toda vida e para todo mundo”. Para mim, essa ideia também precisa começar na infância. Porque uma cidade para todos é aquela em que todos podem vivê-la. E, quando abrimos a cidade para nossas crianças, abrimos também a possibilidade de que descubram, desde cedo, que fazem parte dela e que também poderão ajudar a construí-la.



Cláudia da Silva Lira,
vice-prefeita de Goiânia



Fundador e Diretor-Presidente
Sebastião Barbosa da Silva
sebastiao@tribunadoplanalto.com.br

Diretor de Produção
Cleyton Ataídes Barbosa
cleyton@tribunadoplanalto.com.br

Editores
Andréia Bahia
abahiagn@gmail.com

Carla Borges
carlazenborges@gmail.com

Departamento Comercial
comercial@tribunadoplanalto.com.br
62 99622-5131

Ajude-nos a fazer a Tribuna do Planalto em sintonia com você. Escreva para: redacao@tribunadoplanalto.com.br

Curta e compartilhe
nossas redes sociais

f Tribunadoplanalto
@Tribunaplanalto

Endereço e telefone:
Av. Anhanguera, Sala 1601, Qd. 74 Lt. 9A/11
Palácio do Comércio: Cep 74.043-010
Fone: (62) 3434-1516



Tribuna Política

Domingos Ketelbey
dksilveira@gmail.com

MDB em movimento

O MDB nacional marcou para terça-feira (13), em São Paulo, o anúncio do apoio majoritário de diretórios estaduais a Flávio Bolsonaro. Daniel Vilela entra nessa articulação como um dos governadores do partido mais alinhados ao candidato do PL.

Goiás na vitrine

A adesão rápida de Daniel e Caiado a Flávio colocou Goiás no centro da largada do segundo turno. O ato em Goiânia foi a primeira agenda pública do presidenciável depois do primeiro turno e serviu para mostrar recomposição da direita.

Cicatriz rápida

Caiado e Flávio trocaram críticas duras no primeiro turno. Dois dias depois da urna, dividiram palanque, elogios e discurso contra Lula. Política tem memória curta quando o segundo turno aperta.

Mabel pragmático

O prefeito de Goiânia Sandro Mabel declarou apoio a Flávio e disse ter conversado com Gustavo Gayer sobre recursos para Goiânia. O prefeito troca a disputa ideológica por uma conta objetiva: quem pode ajudar a capital a partir de 2027.

2028 no radar

O aceno visa um projeto a longo prazo. É que o PL foi o seu principal adversário nas eleições de 2024. Com a aproximação, Mabel tenta neutralizar um partido expressivo na corrida ao Paço. Circula nos bastidores que o chefe do executivo vai voltar a oferecer a posição de vice aos liberais.

Aparecida junto

O prefeito de Aparecida, Leandro Vilela, também sinalizou apoio a Flávio e disse que seguirá Daniel e Caiado. Na Região Metropolitana, Goiânia e Aparecida entram alinhadas ao mesmo campo no segundo turno presidencial.

Eleição na Alego esquentando o bastidor político



A eleição para a Mesa Diretora da Assembleia Legislativa já virou o primeiro grande movimento de bastidor depois das urnas. Antes mesmo da posse da nova legislatura, deputados reeleitos, novatos, partidos e aliados do Palácio começaram a se mexer para definir quem comandará a Casa no biênio 2027/2028.

O tema interessa diretamente a Daniel Vilela. O governador terá base ampla na Alego, assim como Ronaldo Caiado teve, mas a escolha do sucessor de Bruno Peixoto será o primeiro teste concreto de comando político sobre a nova bancada.

Bruno deixa a presidência da Assembleia para assumir mandato de deputado federal, mas não sai pequeno do jogo. Foi eleito com peso próprio, conduziu a Casa por dois mandatos e ainda mantém influência sobre parte expressiva dos parlamentares. Sua movimentação na sucessão mostra que pretende preservar espaço no tabuleiro.

O primeiro gesto organizado partiu dos reeleitos. Um grupo de 21 deputados se reuniu na casa de Jamil Calife para discutir a sucessão. A mensagem foi clara: o próximo presidente deve sair de quem já está na Casa. A tese cria uma barreira política contra novatos e contra nomes que voltam à Assembleia com força própria.

Nesse grupo aparecem Jamil Calife, Issy Quinan, Virmondes Cruvinel e Wilde Cambão. Issy, atual primeiro vice-presidente da Casa e deputado do MDB, é tratado como um dos nomes mais competitivos. Tem partido, experiência e trânsito no governo. Mas a disputa não está fechada.

Paulo Cezar Martins entrou no jogo ao anunciar disposição de concorrer. Ele chega ao sétimo mandato, voltou ao MDB a convite de Daniel e tenta vender experiência como credencial para comandar a Assembleia. Sua entrada embaralha a conta dentro do próprio partido do governador.

Do outro lado, há nomes que chegam de fora da atual legislatura, mas não chegam pequenos. Lissauer Vieira volta à Alego pelo PL com o peso de ex-presidente da Casa. Paulo do Vale estreia como deputado estadual depois de comandar Rio Verde e sair das urnas com votação expressiva. Os dois representam o incômodo dos novatos: não participaram da legislatura atual, mas carregam capital político. É aí que a eleição da Mesa deixa de ser apenas disputa interna.

A nova Alego terá MDB como maior bancada, PL em segundo lugar e União Brasil ainda tentando preservar influência pela herança de Bruno. O PT terá bancada relevante, mas deve ocupar mais espaço na oposição do que na articulação da Mesa. O centro da disputa está dentro da própria base.

Daniel não precisa apenas de maioria, mas também de ordenação. Uma base ampla pode aprovar projetos, mas também pode produzir ruído se começar dividida na primeira escolha relevante da legislatura.

A sucessão de Bruno, portanto, será mais do que a escolha de um presidente. Será a medição inicial de força entre governo, Assembleia, reeleitos, novatos e partidos. Daniel começa o mandato com vantagem numérica. A eleição da Mesa vai mostrar se essa vantagem já se converteu em comando político.

Anápolis como base

Anápolis deu 63,08% dos votos válidos a Flávio no primeiro turno. A cidade administrada por Márcio Corrêa, do PL, vira uma das principais plataformas para o partido tentar esticar a votação no segundo turno.

PT mira ausentes

O PT em Goiás aposta na mobilização de quem não votou no primeiro turno. A conta é simples: com mais de 1 milhão de abstenções no Estado, buscar eleitor ausente pode render mais do que tentar converter bolsonarista.

Luis Cesar no radar

Depois de quase 10% de votos ao governo, Luis Cesar Bueno passa a ser observado como possível articulador do palanque de Lula em Goiás. O desafio é transformar voto estadual petista em presença real no segundo turno presidencial.

Vice discreto

Luiz do Carmo evita cobrar secretaria ou espaço público no novo governo. Diz que aguarda decisão de Daniel. Depois de uma campanha em que rodou o interior, o vice eleito tenta começar sem criar ruído interno.

Secretariado só depois

Daniel sinalizou que mudanças mais amplas na equipe devem ficar para 2027. A leitura é de cautela: venceu a eleição, entrou no segundo turno nacional e não precisa abrir guerra por cargos antes da hora.

Fátima agora

Entretanto, Daniel decidiu nomear Fátima Gavioli de volta à Secretaria de Educação. À coluna, ela garante ter perspectivas de permanecer no cargo no segundo governo danielista. “Sou uma mulher de missão”, afirmou.

Desconto em pauta

Candidato a conselheiro federal de Administração pela Chapa 1, o administrador Samuel Albernaz chega à eleição de quarta-feira (14) com a redução da anuidade entre as propostas. À coluna, diz ter apresentado ao conselho federal descontos para 2027 de 30% em janeiro, 20% em fevereiro e 10% em março. “O que queremos com isto é que a anuidade seja mais justa, acessível e previsível para a categoria.” Segundo Albernaz, sua chapa não tem concorrente à vaga federal.

Piso e prova

Albernaz também defende piso salarial de R\$ 8.500 para administradores e um exame nacional de suficiência profissional, nos moldes da prova da OAB. Segundo ele, a proposta salarial foi encaminhada à deputada federal Flávia Moraes e, em Goiás, ao deputado estadual Virmondes Cruvinel. Já o exame foi levado ao deputado federal Célio Silveira. A ideia prevê implantação gradual em três anos, inicialmente sem impedir o exercício profissional. As medidas dependem de aprovação legislativa.

Entrevista

Paulo Moura

Estrategista político

"O eleitor está indignado com uma política desconectada da vida real"

Estrategista político diz que campanhas apostaram em performance e polarização, deixaram propostas em segundo plano e não captaram o sentimento de um eleitor mais politizado

» Domingos Ketelbey

Qual é o Brasil que sai das urnas do primeiro turno das eleições?

O Brasil sai completamente sem saber o rumo que o Brasil vai tomar, sem colocar na pauta os assuntos que realmente são pertinentes à agenda dele, que causam impacto. Essa campanha nacional foi marcada pela exclusão, não por uma escolha de propostas. Não houve debate. E isso favoreceu a todos os que estavam pleiteando o cargo. O que houve foram trocas de acusações, um defendendo de um lado, outro defendendo do outro, mas não se discutiu o que realmente a população tem na sua agenda diária. Não foi discutida a questão da segurança, o desenvolvimento econômico do país, essas pautas não surgiram e considero propositalmente pelos participantes.

Os candidatos não propuseram esse debate?

Eles não colocaram isso na mesa. Essa metodologia que foi colocada nesta campanha, em particular, gerou essa notícia com os participantes junto ao eleitorado. As pessoas estavam escolhendo o lado; eu quero ficar com esse lado independentemente do que ele falar ou do que ele pensa, o que é muito ruim para democracia, para o desenvolvimento do país. Quando se tem uma eleição assim, é muito pobre do ponto de vista qualitativo dos assuntos que foram tratados.

Quando os dois candidatos que lideram as pesquisas deixam de ir ao último debate, o eleitor sente?

Agente precisa analisar o debate como uma ferramenta, do ponto de vista democrático, extraordinária, mas é preciso também analisar com um pouco mais de maturidade, pensando como estrategista, como é o ambiente onde o seu cliente estará posicionado. Numa situação

como essa, em que o tema central era performance e não conteúdo, há um empobrecimento muito grande, porque os candidatos treinaram mais performance do que conteúdo. Tanto que a pergunta dos trackings é: quem venceu o debate? O certo seria, qual proposta lhe marcou mais? Ou qual solução mais lhe convenceu para resolver o problema do desemprego? Ali não é um ambiente de performance, deveria ser um ambiente onde se discute conteúdo e propostas relevantes. Se eu estivesse orientando um cliente, eu teria que analisar também esse ambiente, porque às vezes não vale a pena o expor num ambiente como esse. Porque às vezes você até pode reter a atenção, mas isso não vai gerar absolutamente nenhuma mudança na sociedade que a gente quer construir.

Foi uma eleição marcada pelo empobrecimento das propostas?

Dá para falar isso. Elas não foram apresentadas. Sabe onde elas foram melhor apresentadas? Quando os veículos de comunicação estavam fazendo a cobertura dos mais votados, o jornalista fazia uma pergunta específica. Mas não era um debate, era uma entrevista, e perguntas inteligentes naturalmente valorizam candidatos que têm conteúdo. A imprensa fez um trabalho muito mais primoroso do que os próprios candidatos, porque eles queriam apresentar quem

tinha a melhor performance, o que não quer dizer que é o que tem o melhor conteúdo. Tem candidato com muito conteúdo, mas com dificuldade de comunicação; e quando ele está em um ambiente que para ele é algo muito estranho, ele não consegue quando se depara com intervenções num tom de agressividade mais forte ou perguntas que não estão interessadas em saber um conteúdo, estão interessadas em contradizer quem vai responder ou colocá-lo numa situação difícil.

Os veículos de comunicação devem repensar a forma como esses debates acontecem para impedir que aconteça o que aconteceu de um debate ter sido até cancelado?

Especificamente sobre esse cancelamento, eu achei uma atitude positiva, porque se deu em decorrência de uma intervenção externa sobre um veículo e sobre as regras que o veículo já tinha previamente estabelecido e discutido com os representantes de cada candidato. Essa intervenção favoreceu um determinado candidato, aí o debate deixa de ser algo igual para ser forças diferentes. Os veículos têm procurado inovar, seja no layout do ambiente, na dinâmica, mas o debate começa antes de ele acontecer, começa nas reuniões com os representantes e muitas vezes os representantes não estão preparados para debater a regra enquanto ela está sendo construída. Estão lá meramente para pegar o regulamento. Os veículos deveriam investir



um pouco mais de atenção nessa negociação, de ser uma construção mais coletiva, ouvir os profissionais envolvidos na área jornalística, o pessoal que trabalha com marketing, com pesquisa, com a comunicação. São profissionais que estão no entorno de um ambiente político eleitoral e, com a participação deles, se teria um evento muito mais rico. Nos tempos em que estamos vivendo, reter a atenção do cidadão comum na frente de uma TV de canal aberto por mais de uma hora para ouvir três ou quatro pessoas se digladiando, não se consegue. A competição com o ce-

lular é muito grande. Ele pode até estar com a TV ligada, mas com o celular do lado, olhando coisas que para ele são mais relevantes. As grandes emissoras têm dificuldade de reter a atenção do eleitorado e do público em geral. As pessoas que estão assistindo, na sua grande maioria, são pessoas que estão de alguma forma relacionadas a esse ambiente. São questionamentos que antecedem uma simples avaliação se o modelo de pesquisa deve ser mudado ou não. Tem um capítulo atrás que precisa pensar numa construção mais coletiva com esses profissionais envolvidos em eleições.

Por que as pesquisas não conseguiram identificar o avanço do candidato Flávio Bolsonaro?

Pesquisa não é resultado de eleição e nem foi desenhada para ser uma profecia eleitoral, é uma fotografia do momento. A decisão do voto tem ocorrido em ambientes de enorme intensidade emocional e é isso que eu queria destacar: o ambiente emocional onde é



A direita cresce enquanto se fragmenta. Ela deixou de depender exclusivamente dos seus partidos para existir. Ela quase adquiriu uma identidade social, uma linguagem própria, lideranças próprias.

coletado esse dado e a mutação que ele sofre ao longo de uma campanha. A pesquisa não determina o que vai acontecer, capta um dado, mas acho que deveria também, em algumas metodologias que acho que são desatualizadas, tentar buscar algo a mais. Qual é o ambiente emocional em que essa pesquisa foi realizada? Uma coisa é medir preferência e outra coisa é prever comportamento. Quando se mistura essas duas coisas, há uma confusão e às vezes uma interpretação equivocada. Preferência é uma coisa, outra é o comportamento desse eleitorado. Uma boa pesquisa afere o presente, porém, uma boa análise, onde está a chave, tenta compreender para onde esse presente está se movendo. E muitas vezes, há um gap entre o instrumento de coleta e a capacidade analítica de quem faz essa interpretação. A gente joga os dados para os profissionais que trabalham com isso, mas joga esses dados de forma equivocada e provoca um erro na comunicação. O que eu mais vejo em campanhas, e o maior erro para mim, é começar pela comunicação, e às vezes isso é provocado pela própria equipe do candidato que tenha uma ânsia de querer já sair com a campanha e já começa a pensar em comunicação. Antes de decidir o que vai dizer, é preciso identificar o que a sociedade está sentindo e depois o porquê ela está sentindo isso; aí, sim, começar a produzir comunicação.

O resultado posto, como o senhor interpreta a vitória do Flávio sobre Lula no primeiro turno?

Eu acho, de forma muito respeitosa, que ambos os lados erraram na sua comunicação. O presidente Lula tem uma comunicação envelhecida, desatualizada. Porque um candidato incumbente tem a responsabilidade de dizer o que vai fazer a mais. São estratégias completamente diferentes de um candidato de oposição, no caso Flávio Bolsonaro, que o tema central é fazer críticas à atual gestão e dizer como vai fazer. O que a gente percebe é que, de um lado, o atual presidente não conseguiu modernizar e deixar essa comunicação mais atualizada e mais palatável ao seu eleitorado, portanto, uma comunicação envelhecida, e não conquistou novos eleitores. Os que ele tinha, tiveram desalento, porque não perceberam uma evolução. Do outro lado, o candidato de oposição parecia que vivia uma crise de identidade com o sobrenome Bolsonaro e adotava uma comunicação muito pobre. Depois, com o passar do tempo, houve um avanço, mas eu acho muito tímido de ambos os lados. Se cada um dos lados tivesse um mínimo de evolução, um

pouquinho mais de excelência, de modernidade na sua comunicação, ele certamente iria se destacar, porque foi como se comparasse o que era o menos ruim. Não estou me referindo ao candidato como pessoa, mas à comunicação. As duas candidaturas não apresentaram nada de novo, e não estou me referindo em inventar uma candidatura, mas acho que poderia ter melhorado a capacidade de comunicação tanto do presidente como do seu opositor. Ficou um debate muito de costume e pouco de conteúdo, e não se consegue segurar uma eleição inteira apenas nesse debate. Fica muito empobrecido. O crescimento de um e de outro é algo muito previsível, e como havia outras candidaturas que estavam discutindo a mesma coisa, houve uma participação da sociedade mais tímida. Enquanto você poderia ter uma campanha mais inteligente, porque não é sobre falta de recurso, é sobre falta de inteligência mesmo, sobre falta de conteúdo, de uma estratégia atualizada moderna. Isso a gente não viu.



A comunicação política precisa falar com o coração do eleitor. "Se eu não gerar nenhum tipo de sentimento, o que vai fazer você apoiar a minha ideia?"

Em Goiás, analistas percebem a desconexão do eleitor semanas, dias antes da eleição, com as campanhas.

E a questão não é que eles estão desmotivados, são pautas completamente desconectadas da realidade, da agenda do cidadão comum. Sabe aquela coisa plastificada? É isso que a gente tinha no Brasil inteiro. O que a gente tem visto é isso, como criar uma comunicação que realmente engaje o eleitor? O problema é que essas pessoas estão já partindo para a comunicação; é o maior erro de uma campanha. Aí a gente não sabe se está começando direto pela comunicação por uma questão de incompetência ou de desconhecimento, quando a academia está aí para nos ensinar que a primeira coisa que a gente tem que fazer antes de decidir o que vai dizer é descobrir o que a sociedade está sentindo, e por que ela está sentindo isso. Se pegar o estado de Goiás, onde tem um agro muito forte, mas é só isso a pauta deles? E as outras questões? É só a segurança? O que acontece em Goiânia quando chove? Como se resolve esse problema? São questões às vezes menores, mas que têm um impacto no

dia a dia do cidadão comum. E é esse, na base da pirâmide socioeconômica, onde está concentrada a maioria dos votos. E às vezes a gente tem uma comunicação plastificada de falar com o intelecto do eleitor, isso é um erro primário. A comunicação política eficaz não visa à intelectualidade do eleitor, deveria visar à emoção do eleitor, o coração dele. Porque se eu não gerar nenhum tipo de sentimento, o que vai fazer você apoiar a minha ideia? Os profissionais da área que têm melhor resultado são aqueles que já acordaram para essa situação e que, antes de pensar em comunicação, querem entender o que algumas pessoas na academia chamam de diagnóstico de imagem. Cada eleição tem um sentimento predominante. Tem eleição em que o sentimento é mudança. Tem outras situações em que o sentimento é revolta.

Qual o sentimento dessa eleição?

Eu acho que é de uma indignação, de uma saturação, mas não é com uma pessoa especificamente. A gente não

Isso explica que a sociedade é cíclica. Na época do ex-presidente Fernando Henrique, do PSDB e PT, existia um ciclo de vida. Em alguns momentos, a sociedade buscava soluções para problemas relacionados a um grupo político e, ora, a outro grupo. Agora, o que estamos vivendo está mais relacionado a costumes e princípios, vinculando a um determinado grupo que só ele defende esse tipo de princípios e valores, quando isso não é verdade. Mas para ambos os lados é muito bom que isso esteja associado porque eles se retroalimentam, sobrevivem da oposição do outro. A gente tem uma sociedade extremamente politizada, com acesso à informação, mas que tem nos seus representantes, representantes muito empobrecidos do ponto de vista qualitativo, no que diz respeito à capacidade de comunicação. E o conteúdo dessa comunicação é muito previsível, seja para um lado ou para o outro. Você já sabe o estilo da comunicação do governo, qual a pauta, quais os temas que vai abordar, e do opositor também, mesmo que você não seja um estudioso. O

progressistas, portanto não é a sigla que determina o candidato, mas é um candidato individual e muitas das vezes ele se associa àquela agremiação apenas por uma viabilidade e um interesse de viabilidade eleitoral. Há então uma descaracterização político-ideológica daquele partido. E é isso que acontece em alguns casos. Há um partido tradicionalmente reconhecido de esquerda ou de direita, mas que seu desempenho é diferente, e ele é diferente por causa disso. Porque não existe um critério proibitivo ou analítico para ingressar ou não em um partido. A direita brasileira vive um momento muito curioso. Porque ela cresce enquanto se diversifica. E ela se diversifica porque ela cresceu. Ainda é algo muito novo e eu não tenho ainda uma opinião conclusiva sobre isso. A novidade não é apenas a eleição, é um eleitor de direita passar a se reconhecer como eleitor de direita, isso eu acho que é algo novo. Até então, ele não sabia. Isso coloca na discussão um terreno mais profundo sobre a identidade política, mesmo o que é identidade política, que é algo que a gente precisa avaliar também. Esse ciclo eleitoral que a gente está vivendo tem gerado esse tipo de comportamento e a eleição no Senado é uma das eleições mais importantes nos últimos tempos, e você percebe já uma mudança de comportamento. Mas a pergunta não é o partido, são os políticos que se elegeram. O partido em si não quer dizer muita coisa.

Dá para dizer que a eleição já está definida e que Flávio tende a confirmar o resultado da eleição no próximo dia 25?

Absolutamente. Os números são muito próximos. Nós temos 20 e poucos dias pela frente. E qualquer estudo de prognóstico eleitoral leva em consideração o tempo versus os dados que nós temos. Se a gente tivesse analisado uma diferença mais significativa, eu concordaria. Temos um resultado apontando para o candidato A ou B, mas quando a gente analisa, estão muito próximos. Eu acho que ainda é possível tanto haver uma reversão de quem está atrás, como cristalizar. Acho que vamos ter um resultado muito dividido da população, e isso dificulta o governo de quem vencer. Porque significa que a população está dividida. E é isso que a gente vê no Brasil, uma população dividida, frustrada, desejando algo que esteja conectado com o sentimento dele. O partido e o grupo político que conseguir identificar de forma mais eficaz o sentimento da população e criar uma comunicação conectada com esse sentimento, tem possibilidade de ter mais êxito eleitoral no dia 25.

Isso explica as 28 cadeiras que o PL conseguiu no Senado Federal e mostra que essa parcela da direita ligada ao bolsonarismo permanece muito forte?

Eleições 2026

2º turno em Goiás

Flávio lidera quantidade de apoiadores; veja quem está com Lula

Articulação do candidato do PL reúne Caiado, Daniel, senadores e mais de 160 prefeitos, enquanto petistas organizam caravanas para recuperar votos no estado

» Carlos Nathan Sampaio

O segundo turno da eleição presidencial começa em Goiás com uma diferença visível no tamanho das articulações montadas em torno dos candidatos. Flávio Bolsonaro (PL), que terminou a primeira etapa na frente, reuniu o governador reeleito Daniel Vilela (MDB), o ex-governador Ronaldo Caiado (PSD), senadores, deputados e mais de 160 prefeitos. Luiz Inácio Lula da Silva (PT), por sua vez, concentra sua reação nos partidos de esquerda e em lideranças que pretendem ampliar a mobilização nas ruas e nas redes sociais.

No primeiro turno, realizado no domingo (4), Flávio recebeu 56.104.503 votos no

país, equivalentes a 47,03% dos válidos. Lula somou 53.879.538, ou 45,16%. Em Goiás, a vantagem do candidato do PL foi maior: 2.051.888 votos, ou 53,60%, contra 1.188.880 do presidente, que alcançou 31,06%. Os dois voltam às urnas no próximo dia 25.

Goiás foi o primeiro estado escolhido por Flávio para receber apoios depois da votação. Ele desembarcou diretamente em Goiânia na terça-feira (6), acompanhado pelo governador reeleito de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e participou de um ato no comitê de Daniel Vilela. O encontro aproximou grupos que haviam seguido caminhos diferentes no primeiro turno, quando Caiado disputou a Presidência e Wilder Moraes (PL)

enfrentou Daniel na corrida pelo governo estadual.

Ao declarar apoio, Caiado prometeu participação intensa. “Proporcionalmente, Goiás vai dar a maior vitória a Flávio Bolsonaro. Será mobilização em tempo integral”, afirmou. O ex-governador disse que entrará “de corpo inteiro” na campanha e entregou ao presidenciável um documento com propostas. A adesão ocorreu após Caiado fazer críticas duras a Flávio e questionar suas relações com Daniel Vercaro, dono do Banco Master. No ato, justificou que costuma ser “duro com todos” durante as disputas.

Daniel também colocou sua base à disposição do candidato. “Conte com o nosso apoio, conte com o nosso grupo político e vamos trabalhar for-

temente para que Goiás dê uma das maiores votações proporcionais no dia 25 de outubro”, declarou. Antes do evento, o governador havia afirmado que, em sua avaliação, “a era do PT se exauriu” e que Flávio deveria receber o “direito da dúvida”.

Tarcísio reforçou a aliança ao dizer que “São Paulo está com Flávio Bolsonaro, assim como Goiás”. Durante o discurso, afirmou que os presentes ajudariam o candidato não apenas a vencer, mas também a governar. A presença do paulista deu dimensão nacional ao ato na capital goiana.

Entre os apoiadores de Flávio em Goiás estão Caiado, Daniel, a senadora eleita Gracinha Caiado (União Brasil), o senador eleito Gustavo Gayer (PL), Wilder Moraes, presiden-

te estadual do PL, o deputado federal eleito Major Vitor Hugo (PL) e o prefeito de Anápolis, Márcio Corrêa (PL). O prefeito de Aparecida de Goiânia, Leandro Vilela (MDB), também afirmou que acompanhará Daniel e Caiado. Em Trindade, Marden Júnior (União Brasil) declarou apoio ao projeto do grupo.

Gracinha afirmou estar na campanha “por convicção” e declarou: “Meu presidente é Flávio Bolsonaro”. Gayer agradeceu a união entre PL, MDB e o grupo caiadista. O ato reuniu prefeitos, parlamentares e lideranças ligados principalmente ao PL, MDB, PSD, União Brasil e PP. Nacionalmente, Flávio também recebeu os apoios da federação União Progressista, formada por União Brasil e PP, e do Novo.



Ronaldo Caiado e Flávio Bolsonaro

Foto: Divulgação

Esquerda se organiza para recuperar votos

Do lado de Lula, a reação começou com uma reunião convocada pela presidente estadual do PT e da Federação Brasil da Esperança, Adriana Accorsi. Foram chamados representantes de PT, PCdoB, PV, PSOL, Rede, PDT e PSB. Entre as lideranças do campo progressista estão Adriana, o deputado federal Rubens Otoni, os estaduais Antônio Gomide, Bia de Lima e Kátia Maria, o deputado estadual eleito Fabrício Rosa e a presidente estadual do PSB, Aava Santiago.

O principal desafio petista é recuperar a votação perdida em Goiás. Lula passou de 1.454.723 votos, ou 39,51%, no primeiro turno de 2022 para 1.188.880, ou 31,06%, em 2026. Foram 265.843 votos a menos e uma queda de 8,45 pontos percentuais, a maior redução proporcional registrada pelo presidente entre os



Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento da plenária com parlamentares, em Brasília - DF

Foto: Ricardo Stuckert

estados. A campanha também mira parte dos 1.108.382 eleitores goianos que não compareceram às urnas.

“Quem não vota entrega a decisão para quem vota. Não podemos deixar isso acontecer”, afirmou Adriana. A estratégia inclui comunicação conjunta, atividades nos municípios, presença nas ruas e abordagem dos eleitores que se abstiveram ou ainda não definiram o voto.

Eleito deputado estadual com 81.540 votos, Fabrício Rosa afirmou que a campanha fará caravanas pelo estado, com candidatos eleitos e não eleitos. “A estratégia passa por aumentar a nossa atuação e visibilidade nas redes sociais para alcançar pessoas que ainda não foram alcançadas”, disse. Segundo ele, os grupos irão a diferentes regiões para conversar “sobre

a importância de reeleger o presidente Lula”.

Fabrício também anunciou a produção de novos materiais e demonstrou confiança na reação: “O presidente Lula será reeleito e nós vamos retomar a frente nas pesquisas”. O desempenho do vereador, segundo candidato mais votado para a Assembleia, é usado pela esquerda como sinal de que existe espaço para reorganização mesmo em um estado onde a direita saiu fortalecida.

Flávio inicia o segundo turno com vantagem nas urnas e uma lista mais extensa de apoios institucionais em Goiás. Lula aposta na militância partidária, nas lideranças de esquerda e na redução da abstenção. Até o dia 25, um lado tentará ampliar a maioria já obtida; o outro, recuperar o eleitorado perdido.

Eleições 2026

MDB assume protagonismo em Goiás,

mas ainda caminha à sombra de Caiado

Partido experimenta mais um renascimento com a reeleição de Daniel Vilela no primeiro turno, mas depende da aliança com ex-governador, avalia cientista político

» Carla Borges

A reeleição de Daniel Vilela (MDB) ao governo de Goiás, com 59,17% dos votos válidos no primeiro turno em 4 de outubro, inaugura uma nova etapa na trajetória do partido no Estado. Depois de ocupar uma posição de coadjuvante na administração de Ronaldo Caiado, o MDB passa a comandar o Executivo estadual com um mandato próprio, legitimado por uma votação expressiva. A mudança de posição, entretanto, não significa que a legenda tenha conquistado autonomia política ou consolidado uma hegemonia capaz de sobreviver independentemente das alianças que sustentam o atual grupo no poder.

Essa é a principal questão que se coloca para o futuro do partido: até que ponto a vitória de Daniel representa o fortalecimento do MDB como organização política e até que ponto constitui a continuidade de um projeto cuja principal liderança ainda é Ronaldo Caiado? Para o cientista político Pedro Célio Alves Borges, professor e pesquisador da política goiana, é prematuro falar em hegemonia emedebista. Embora reconheça que o partido experimenta mais um renascimento, desta vez promissor, ele ressalta que esse movimento ocorre “na sombra da forte hegemonia de Ronaldo Caiado”.

A observação ajuda a compreender a dimensão e, ao mesmo tempo, os limites do resultado eleitoral. O MDB é uma das maiores forças partidárias do Brasil e possui uma trajetória histórica relevante em Goiás, onde construiu bases eleitorais, lideranças municipais e estaduais e presença institucional. A legenda, porém, não conseguiu transformar esse patrimônio político em protagonismo permanente na disputa pelo governo estadual. A vitória de Daniel

abre essa possibilidade, mas não resolve automaticamente o problema.

A aliança com Caiado, estabelecida em 2022, foi decisiva para a mudança de posição do partido. Naquele ano, Daniel aceitou integrar a chapa como vice-governador de um antigo adversário. Em 2018, havia disputado o governo contra Caiado e terminado em segundo lugar. Quatro anos depois, os dois passaram a compartilhar o mesmo projeto político. Com a renúncia de Caiado, em março de 2026, para disputar a Presidência da República, Daniel assumiu o governo e, agora, conquistou nas urnas o direito de permanecer no cargo até 2030.

A sequência demonstra a capacidade de adaptação do MDB, mas também evidencia sua dependência de uma aliança que ampliou seu espaço no Executivo. Antes, o partido participava do governo como coadjuvante; agora, ocupa o centro institucional do poder. A questão é saber se essa mudança de posição será acompanhada pela construção de uma identidade política própria.

Pedro Célio considera excessivo até mesmo falar em autonomia do MDB neste momento. Na avaliação do cientista político, a relação entre

Daniel e Caiado continua sendo o elemento determinante para compreender os rumos da legenda. Ele afirma que, em praticamente todos os aspectos, o partido permanece dependente da manutenção dessa aliança.

O diagnóstico não diminui a importância da vitória de Daniel. Ao contrário, ajuda a dimensioná-la. O governador reeleito dispõe de um mandato próprio, de uma votação robusta e de quatro anos para estabelecer sua marca administrativa. A legitimidade conferida pelas urnas lhe oferece condições para ampliar o espaço de decisão dentro do grupo governista. Mas autonomia formal e independência política são coisas diferentes. A primeira decorre do cargo; a segunda depende da capacidade de construir bases, formular prioridades e tomar decisões sem precisar recorrer permanentemente à liderança de seu principal aliado.

Conjuntura

Há, ainda, um aspecto que merece atenção. Para Pedro Célio, a reeleição não pode ser classificada como resultado de uma conjuntura excepcional. A vitória, segundo ele, apenas confirmou previsões que circulavam havia bastante tempo nos meios

políticos goianos. Isso significa que o resultado não foi uma surpresa eleitoral, mas a confirmação de uma correlação de forças já estabelecida. Ainda assim, o cientista político não identifica sinais de um novo ciclo histórico. Para ele, prevalece a continuidade do arranjo político anterior.

Essa interpretação coloca o MDB diante de um desafio que vai além da administração estadual. O partido precisa demonstrar que consegue converter o controle do governo em capacidade de organização política duradoura.

O desafio se torna ainda mais evidente quando se olha para 2030. Daniel não poderá disputar uma nova reeleição ao governo, e sua influência na escolha do sucessor dependerá tanto de sua atuação nos próximos quatro anos quanto da relação que mantiver com Caiado. O governador poderá tentar transferir seu capital eleitoral para um aliado, apoiar um nome do próprio MDB ou participar da composição de uma candidatura de outra legenda. Nenhuma dessas possibilidades, entretanto, está definida.

Pedro Célio considera difícil antecipar qual caminho Daniel seguirá. No momento, observa, não há indicador de uma orientação diferente

do alinhamento com Caiado. O cientista político tampouco acredita que o governador tomará a iniciativa de romper o pacto liderado pelo ex-governador. A sucessão de 2030, portanto, será um teste importante para medir a maturidade política do MDB.

Apoio

O apoio anunciado por Daniel e Caiado à candidatura de Flávio Bolsonaro (PL) à Presidência da República no segundo turno das eleições de 2026 acrescenta outro elemento a essa equação. O gesto demonstra que os dois permanecem alinhados também no plano nacional, apesar de pertencerem a partidos diferentes. Para Daniel, a aliança pode ampliar a interlocução com forças políticas conservadoras e fortalecer sua posição dentro desse campo. Ao mesmo tempo, reforça a percepção de continuidade do projeto liderado por Caiado, que procura preservar sua influência mesmo depois de deixar o governo estadual.

A vitória de Daniel é um ponto de partida, não uma resposta definitiva. O MDB tornou-se protagonista no Executivo, mas ainda precisa provar que pode ser protagonista de seu próprio destino. A eleição de 2030 será, nesse sentido, menos uma disputa pela sucessão de Daniel do que uma medida da autonomia que o partido terá conseguido construir até lá.



Pelo menos agora, não temos um indicador da linha a ser seguida por Daniel que seja diferente do acoplamento de seu projeto à orientação de Caiado.

Pedro Célio Alves Borges, cientista político, professor e pesquisador da política goiana



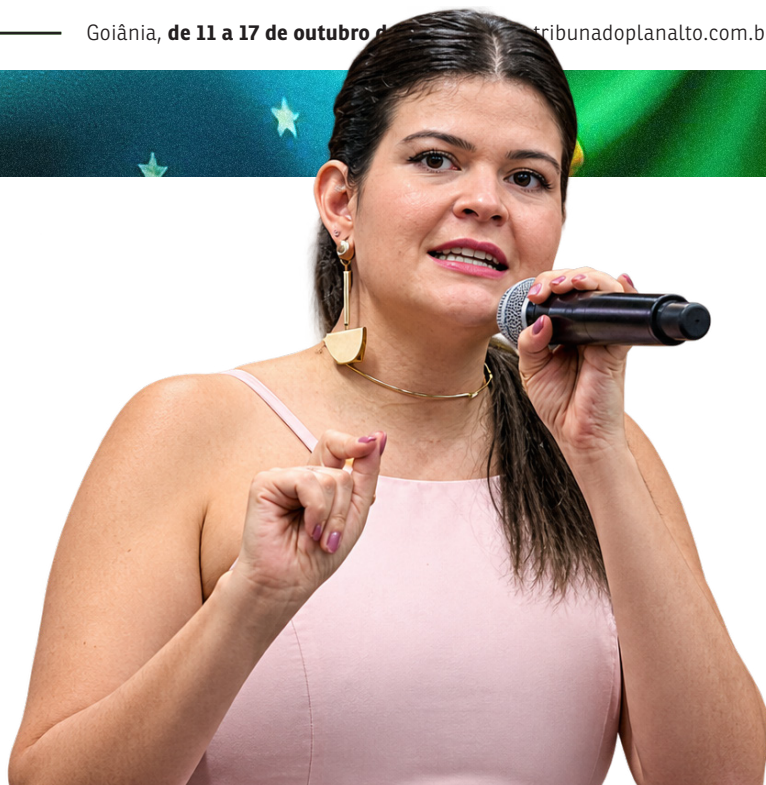
Movimento de renascimento do MDB ocorre “na sombra da forte hegemonia de Ronaldo Caiado”

Foto: Divulgação

Eleições 2026

Aava depois das urnas, de olho em 2028

Sem vaga na Câmara Federal e fora do Legislativo municipal de Goiânia, presidente do PSB tenta transformar 123 mil votos em estrutura política para os próximos embates e para 2028



» Domingos Ketelbey

Aaava Santiago teve votos demais para desaparecer e partido de menos para se eleger. No domingo (4), 123.311 goianos digitaram 4040 na urna. Foi a sétima maior votação individual para deputado federal em Goiás.

Não bastou. O PSB não alcançou votação suficiente para conquistar uma das 17 cadeiras, e a presidente estadual da legenda terminou a noite sem passagem para Brasília.

Dois dias depois, veio outra derrota. O Tribunal Regional Eleitoral de Goiás rejeitou os recursos apresentados por Aava e pelo PSB e manteve

a decisão que determina a perda de seu mandato na Câmara de Goiânia por infidelidade partidária. Nesta sexta-feira (9), o suplente Michel Magul, do PSDB, assumiu o mandato. A defesa de Aava, no entanto, anunciou que levará o caso ao Tribunal Superior Eleitoral.

Em menos de uma semana, Aava saiu de uma eleição

com 123 mil votos, ficou fora do Congresso e perdeu também a cadeira que ocupa em Goiânia.

A fotografia parece de derrota. Nos bastidores do grupo, a leitura é outra: a campanha teria produzido justamente aquilo que o projeto político precisa para continuar existindo sem uma

cadeira em Brasília: base. “É erguer a cabeça e avançar em bases, fortalecer bases, criar mais bases, ampliar bases”, resume um aliado. Ele cita municípios onde Aava recebeu cerca de 600 votos sem nunca ter pisado durante a campanha. É nesse paradoxo que começa a próxima etapa.

123 mil votos e nenhuma cadeira federal

A votação de Aava não foi apenas superior à de candidatos eleitos. Foi a sétima maior do Estado. Bruno Peixoto, Adriana Accorsi, Fred Rodrigues, Flávia Moraes, Magda Mofatto e Lucas do Vale ficaram à frente. Aava veio logo depois, com 123.311 votos.

O problema estava ao redor dela. No sistema proporcional, voto pessoal não garante cadeira. O PSB precisava somar força partidária suficiente para entrar na distribuição das vagas. Não conseguiu. A candidatura que deveria puxar a chapa cresceu mais do que a própria chapa.

Há uma ironia política aí. Aava assumiu o PSB em janeiro com a missão declarada de reorganizar o partido em Goiás, montar chapas competitivas e recuperar espaço no Congresso. Dez meses depois, provou capacidade individual de voto, mas também encontrou a distância entre construir uma candidatura competitiva e construir um partido competitivo.

Interlocutores enxergam a votação como ponto de partida. Em 2022, Aava teve 13.387 votos para deputada federal. Em 2024, chegou a 10.482 na eleição municipal. Agora, alcançou 123.311 em uma disputa estadual. A curva explica por que ninguém próximo a ela fala em recuo.

Em vídeo publicado depois da apuração, Aava disse que “os únicos derrotados são aqueles que cruzam os braços e se resignam”. Também

afirmou que o resultado havia sido “muito além” do que imaginava e convocou a militância para o segundo turno presidencial. A primeira decisão depois da derrota foi continuar em campanha.

O mandato que escapou

A segunda frente é menos confortável. Aava deixou o PSDB no início do ano para assumir o comando do PSB em Goiás. A mudança ocorreu fora da janela partidária e sem carta formal de anuência. O PSDB foi à Justiça pedir a cadeira.

Em julho, o TRE-GO decidiu por 6 votos a 1 pela perda do mandato. Nesta semana, os embargos apresentados pela defesa foram rejeitados. A Câmara recebeu a comunicação para cumprir a decisão e dar posse ao suplente Michel Magul, que assumiu o cargo na última sexta-feira (9). Aava insiste em levar o caso ao TSE.

A defesa sustenta que havia razões para a saída e aponta, entre outros argumentos, perseguição política, restrições internas, divergências ideológicas e violência política de gênero. O TRE não reconheceu justa causa para a desfiliação.

O episódio acrescenta outra camada à trajetória recente. Quando anunciou a saída do PSDB, em janeiro, Aava insistiu que não havia rompimento com Marconi Perillo e resumiu o movimento numa frase: “Não há ruptura. Há amadurecimento”.

A mudança que deveria ampliar sua capacidade de ação estadual e nacional acabou a tirando do mandato pela qual foi eleita em 2024. É justamente isso que torna o momento incomum: Aava pode deixar a Câmara no instante em que alcança a maior votação de sua trajetória.

Uma vereadora nacional

Parte dessa expansão ajuda a explicar um fenômeno cada vez mais presente na política: vereadores cujo território formal é municipal, mas cuja audiência e discurso atravessam os limites da cidade.



Os únicos derrotados são aqueles que cruzam os braços e se resignam”.

*Aava Santiago,
presidente do PSB*

Aava construiu o mandato em temas de Goiânia e se consolidou como uma das vozes de oposição ao prefeito Sandro Mabel (UB). Contestou contratos, acionou órgãos de controle e enfrentou projetos do Executivo em áreas que vão da limpeza urbana ao patrimônio público.

Ao mesmo tempo, nacionalizou o discurso. A aproximação com o presidente Lula foi uma das razões que

ela própria apresentou para a saída do PSDB. No PSB de João Campos, passou a ocupar com mais nitidez um espaço de centro-esquerda e a conectar pautas municipais a temas como democracia, direitos das mulheres e enfrentamento ao bolsonarismo.

Depois da eleição, não demorou a escolher a próxima trincheira. “Nossa tarefa agora é reeleger o presidente Lula e nos manter mobilizados e unidos pela nossa democracia, pelas mulheres, pelas crianças, pelo Cerrado”, afirmou. Em outra passagem, disse que “a extrema-direita e o bolsonarismo fincaram raízes profundas no Congresso”.

A mensagem também desenha o lugar que pretende ocupar depois do segundo turno. Uma eventual vitória de Flávio Bolsonaro colocaria Aava naturalmente entre as vozes de oposição em Goiás. A reeleição de Lula, por outro lado, reforçaria sua ligação com o campo nacional ao qual decidiu se vincular. Nos dois cenários, a estratégia exige manter mobilizada uma rede que já não cabe apenas em Goiânia.

2028 no horizonte

É aí que o Paço Municipal reaparece. Interlocutores próximos a Aava tratam a Prefeitura de Goiânia como objetivo para 2028. Não é candidatura formalizada. É direção política. O próprio tabuleiro municipal já inclui seu nome entre as possibilidades da centro-esquerda para a próxima sucessão. Os 123 mil votos ajudam a construir esse

caminho, mas não o resolvem. Eleição para deputado federal mede capacidade espalhada pelo Estado. Eleição para prefeito exige concentração. Aava precisará transformar reconhecimento estadual em musculatura municipal, ampliar alianças para além do eleitorado progressista e mostrar que oposição a Mabel e ao bolsonarismo pode se converter em proposta de governo para uma cidade inteira.

A presidência do PSB também passa a ter esse papel. Construir diretórios, filiar lideranças e ampliar bases municipais não serve apenas para recuperar a legenda do fracasso proporcional de 2026. Serve para dar estrutura ao nome de maior votação que o partido produziu em Goiás. O resultado do primeiro turno mostrou ao mesmo tempo a força e a fragilidade desse projeto.

A força está nos 123.311 votos. A fragilidade, no fato de que eles não foram acompanhados por uma estrutura partidária suficiente para produzir uma cadeira.

Aava chega ao segundo turno presidencial sem a vaga que buscava em Brasília e com o mandato em Goiânia sob disputa judicial. Ainda assim, carrega uma base eleitoral muito maior do que aquela com que entrou na campanha. O desafio, daqui para frente, é transformar eleitor em organização.

Porque 123 mil votos podem sustentar um projeto político. Sozinhos, como ela descobriu no domingo, não garantem uma cadeira.

Saúde

Daniel Vilela vistoria obras do novo Hugo

e garante funcionamento em 2027

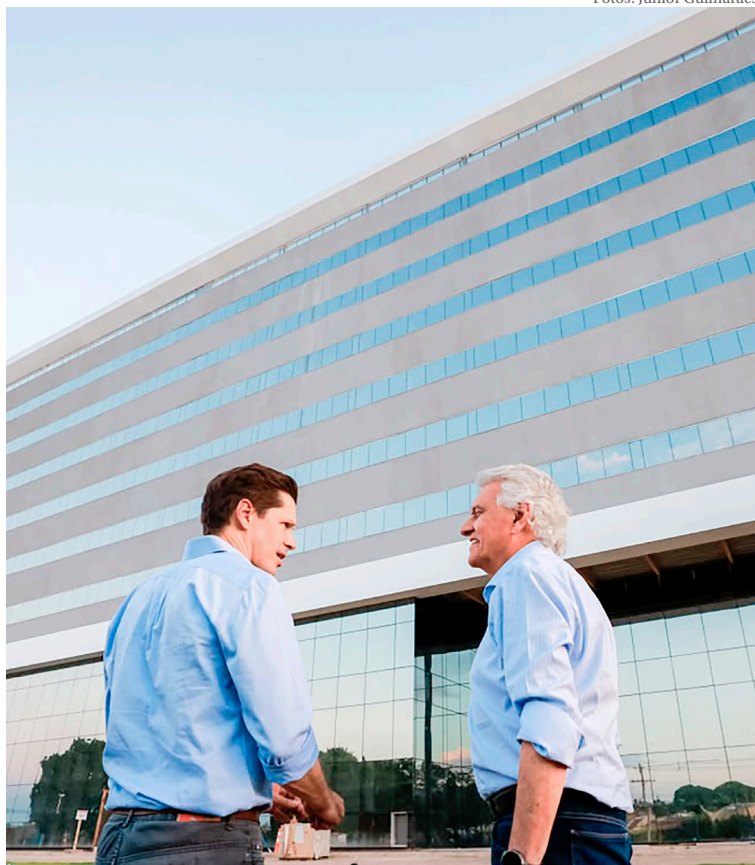
Ao lado do ex-governador Ronaldo Caiado, chefe do Executivo goiano destaca qualidade de nova estrutura, que será ampliada para atendimento de urgência e emergência com 531 leitos

» Da Redação

O governador Daniel Vilela vistoriou nesta quarta-feira (7/10) as primeiras adaptações realizadas no novo prédio do Hospital Estadual de Urgências de Goiás Dr. Valdemiro Cruz (Hugo), que está localizado no Conjunto Fabiana, em Goiânia. Acompanhado do ex-governador Ronaldo Caiado, o chefe do Executivo estadual visitou praticamente todos os 11 pavimentos do edifício, além da área que vai abrigar as 20 salas de cirurgias, o dobro das 10 existentes atualmente no Hugo, e a Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

Daniel Vilela afirmou que a entrada em operação da nova unidade será no ano que vem. “Muito em breve os pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS) vão ser atendidos nesse padrão de excelência, de qualidade. No hospital que vai ser o melhor de urgência do Brasil. Podem acreditar”, garantiu.

Com a transferência para o prédio, o novo Hugo terá



Governador Daniel Vilela, ao lado do ex-governador Ronaldo Caiado, vistoria obras do prédio que receberá o novo Hugo

531 leitos, entre UTIs, apartamentos, enfermaria, observação e estabilização. Das acomodações clínicas e cirúrgicas, 50% serão apartamentos individuais. A ampliação das salas

cirúrgicas deve permitir ainda a expansão na capacidade de realização de procedimentos e dar mais agilidade à programação cirúrgica. A estrutura será destinada ao atendimento de

urgência e emergência e a procedimentos especializados de alta complexidade, incluindo trauma, neurologia e neurocirurgia.

Impressionado

O ex-governador Ronaldo Caiado, que é médico, disse que está “impressionado

para o cidadão do SUS. Essa é a diferença de quem governa com responsabilidade, não rouba e não deixa roubar. Tá aí o resultado”, afirmou.

O engenheiro José Ricardo Ramos Ribeiro, diretor da TSX Engenharia, responsável pelo empreendimento original, que anteriormente seria uma unidade particular especializada para o tratamento de câncer, explicou que o hospital tem 47 mil metros quadrados. “A gente tá fazendo alteração em quase 11 mil metros quadrados para viabilizar o hospital de urgência. Então, o fluxo e algumas áreas comuns tiveram que ser adequadas. São ajustes pontuais para a realidade de hoje”, salientou.

As alterações têm por objetivo atender as reivindicações do estado, que vai quase dobrar o número de leitos na nova unidade. “Vamos



com o acabamento e a qualidade” da obra. “Os apartamentos, a maioria com um paciente, outros com dois, é padrão de excelência que não tem em nenhum hospital particular. Ele compete com os melhores do Brasil”, frisou. “Daniel (Vilela) está mantendo o padrão de excelência

atender toda a população do Estado de Goiás com um tratamento diferenciado, 100% SUS e público. É qualidade e eficiência para garantir cada vez mais a relevância do sistema de saúde e as entregas para a população goiana”, assegurou o secretário estadual de Saúde, Rasível Santos.

Festa

Programação do Natal do Bem 2026 terá 58 apresentações artísticas

O Governo de Goiás, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), publicou, nesta quinta-feira (8/10), o resultado final do edital de seleção de apresentações artísticas que vão integrar a programação do Natal do Bem 2026, da Política Nacional Aldir Blanc (Pnab - Ciclo 2). Os espetáculos dos selecionados serão realizados entre 12 de novembro de 2026 e 3 de janeiro de 2027, como parte da programação do evento natalino.

Ao todo, os recursos destinados às atrações somam R\$ 502 mil. Promovido pela Organização das Voluntárias de Goiás (OVG), o certame terá 58 apresentações nos segmentos de circo, dança, teatro e música, distribuídas em duas categorias: apresentações no Coreto e no Palácio da Música, no Centro Cultural Oscar Niemeyer, em Goiânia.

Para o Coreto, foram selecionadas 47 propostas, com valor de R\$ 6 mil por apresentação. As propostas

contemplam as modalidades solo, duo, trio, quarteto e banda musical. Já para o Palácio da Música, foram selecionadas 11 propostas, com valor de R\$ 20 mil cada, abrangendo apresentações de circo, dança, música e teatro.

A relação completa de aprovados, cotas e suplentes está disponível no site da Secretaria de Estado da Cultura (<https://goias.gov.br/cultura/pnab/edital-2026-pnab/>).



Comemoração

Centro de Goiânia será palco de grande festa no dia 24 de Outubro, aniversário de 93 anos da capital

Festival Viva Goiânia também leva programação cultural, esportiva e de lazer a 11 bairros de Goiânia durante o mês de outubro

» Da Redação

O Centro de Goiânia será palco de uma grande festa de comemoração dos 93 anos da capital, no dia 24 de outubro. A programação do Festival Viva Goiânia vai transformar a região em um grande espaço de convivência, com shows, atividades esportivas, atrações culturais, gastronomia e opções de lazer para diferentes públicos. A Avenida Goiás será o eixo principal da festa, que contará com 51 atrações e atividades, distribuídas em três palcos e diferentes espaços temáticos. A programação começa pela manhã e se estende ao longo do dia. Ao longo do mês, o festival leva programação cultural, esportiva e de lazer a 11 bairros da capital.

No dia 24, na Estação Ferroviária, o palco principal

recebe Seu Jorge, às 20h30, e Murilo Huff, às 22h30. Já o Palco Brasilidade, instalado na Rua 61, terá shows de Zeca Baleiro, às 16h30, Kamisa 10, às 19h, e Sandra Sá, às 22h. A programação também valoriza artistas e manifestações culturais de Goiás. Entre as atrações estão Jiraya Uai, Clube do Choro e Orquestra Sinfônica de Goiânia, além de apresentações de catira, teatro infantil, circo, live painting, sarau literário, balé clássico e stand-up comedy.

O público também poderá participar de atividades esportivas e de lazer, como passeio ciclístico com deficientes visuais, corrida de rua, campeonato de boxe, capoeira, artes marciais, pista de skate, jogos e brinquedos infláveis. Espaços dedicados à arte, moda e gastronomia, além de food trucks, completam a programação.

Festival Viva Goiânia ocorrerá em 11 bairros da cidade

Antes da programação principal do aniversário, o Festival Viva Goiânia passa por diferentes bairros da cidade. As atividades começam no dia 10 de outubro, com programação no Jardim Itaipu, na Praça 3 Amores, com show sertanejo de Jordana Félix; e no Setor União, na Praça da Feira. No dia 11, a festa chega ao Jardim Guanabara, na Praça do Berimbau, com show sertanejo do DJ Tubas; e ao Jardim Novo Mundo, na Praça George Washington, com Jordana Félix e Dj Vinicius Cavalcante.

Em 17 de outubro, será a vez do Parque Atheneu, na Praça da Feira, e do Parque Amazônia, na Praça Senador José Rodrigues de Moraes Filho, com show da DJ Ana Flávia.

No dia 18, a programação estará no Vera Cruz II, na Praça Geraldo Alves Rodrigues,



Foto: Joabe Mendonça

Centro de Goiânia será palco de grande festa no dia 24 de Outubro, aniversário de 93 anos da capital

com show do DJ Wam Baster; e no Jardim Nova Esperança, no Parque Nova Esperança, com apresentação da atração Moto Doidera. Já no dia 23 de outubro, as atividades serão realizadas no Bairro Goiá, no Parque Júlio Aguiar; e no Morada do Sol, na Praça Arantes, com show do cantor Amado Batista.

No eixo “artes”, a programação traz shows de artistas locais de sertanejo, hip-hop, eletrofunk, gospel e flashback, além de teatro infantil, circo, contação de histórias e apresentações de cultura popular.

No eixo “esporte e lazer”, haverá torneios de tênis de mesa, futmesa e golzinho, oficinas de judô, capoeira, krav magá e skate, aulas de yoga e funcional e brinquedos infláveis para as crianças.

Na categoria “ação e educação”, a Agência Muni-

cipal de Turismo e Eventos (GoiâniaTur) promove City Tours pelas rotas Art Déco e Verde, feira de adoção de animais, distribuição de mudas, pintura no rosto e oficina infantil com a Guarda Civil Metropolitana.

O festival terá ainda os eixos “gastronomia”, com praça de alimentação de comidas típicas, e “economia criativa”, com feira de moda, artesanato e brechó.

O encerramento também tem desfile de moda e projeção mapeada na fachada da Estação Ferroviária; passeio ciclístico; visitas guiadas da GoiâniaTur pelo Centro Histórico; e praça de alimentação com food trucks.

A programação completa, com horários, atrações e endereços de cada local, está no site Goiânia Pulsa: <https://goianiapulsa.tur.br/>.

Diversão

Prefeitura reabre Parque Mutirama para toda a população

O Parque Mutirama foi reaberto pela Prefeitura de Goiânia para toda a população nesta sexta-feira (9/10), em evento de anúncio às 14h. A reabertura geral marca uma nova fase do parque, que recebeu intervenções estruturais, manutenção de brinquedos, melhorias de segurança e adequações em diferentes áreas. As ações foram coordenadas pela Secretaria de Gestão de Negócios e Parcerias (Segenp). A entrega faz parte das comemorações ao Dia das Crianças e aos 93 anos de Goiânia. O parque funcionará também no feriado de 12 de outubro.

A revitalização começou com uma fase de pré-abertura, realizada de forma técnica e assistida, inicialmente destinada a alunos da Rede Municipal de Ensino previamente cadastrados. Com a conclusão dessa etapa,

o espaço passa agora a receber o público em geral.

Ao todo, 22 atrações foram reformadas e estarão disponíveis aos visitantes. A atual gestão recebeu o parque, construído em 1969, com apenas seis brinquedos em funcionamento. Entre as principais medidas está a implan-

tação, pela primeira vez no parque, do Sistema de Proteção Contra Descargas Atmosféricas (SPDA), com aterramento e proteção contra raios, tudo certificado por laudo do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Goiás (Crea-GO). Foram instalados 33 pára-raios, com 25 metros



Foto: Segenp

Legenda: Ao todo, 22 atrações foram reformadas e estarão disponíveis aos visitantes

de altura cada, distribuídos pela área do Mutirama. Também foi elaborado, pela primeira vez, um plano de evacuação certificado por laudo do Corpo de Bombeiros.

Antes da reabertura técnica e assistida, os brinquedos passaram por testes periódicos de manutenção, com funcionamento sem carga ou com cargas parcial e máxima, conforme as recomendações técnicas da empresa responsável. A prefeitura também capacitou os servidores responsáveis pela operação dos brinquedos. A medida foi adotada para garantir a segurança dos visitantes e preparar as equipes para o aumento da demanda com a abertura do parque para toda a população.

Melhorias

Além da recuperação das atrações, a revitalização alcançou diferentes áreas do Mutirama. Todo o piso do parque foi reformado, assim como pontes de madeira e grelhas, com melhorias voltadas também à acessibilidade. As quadras esportivas receberam reparos e pintura.

Também foram realizadas intervenções nas fontes, esculturas, Parque dos Dinossauros, caixas d'água e outros reservatórios. Geradores de energia e bombas d'água foram reformados, enquanto bancos de madeira passaram por manutenção. O trabalho incluiu ainda pintura de grades e meios-fios, poda de árvores, jardinagem e melhorias nas fachadas.

Na área dos trenzinhos, foram substituídos os dormentes dos trilhos e reformadas as estações. Os banheiros também receberam manutenção, enquanto o parque ganhou novo ambulatório, lixeiras e bebedouros com cobertura.

A iluminação foi modernizada por meio do programa Brilha Goiânia, que substituiu as 860 lâmpadas antigas por modelos de LED. Também foram instaladas novas placas de sinalização e informação, além de novos extintores de incêndio. Para reforçar a comunicação entre as equipes, o parque passou a contar com nova internet e rádios-comunicadores.

ESCOLA

Lacunas

Promessas para a educação esbarram na falta de metas e dinheiro nos planos de Lula e Flávio

Enquanto Lula aposta na continuidade de programas públicos, Flávio Bolsonaro propõe vouchers, escolas cívico-militares e gestão por desempenho. Especialistas apontam lacunas na execução e no financiamento das duas candidaturas

» Dhayane Marques

A disputa presidencial de 2026 coloca em confronto duas estratégias para a educação brasileira, mas os planos de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Flávio Bolsonaro (PL) têm um problema em comum. Apesar de apresentarem programas, metas e mudanças na gestão, deixam perguntas sem resposta sobre financiamento, execução e resultados. A diferença está nos instrumentos escolhidos e na concepção de política educacional.

Lula aposta na continuidade, mas precisa explicar como avançar

Nos três mandatos de Lula, a educação recebeu iniciativas como Brasil Alfabetizado, Prouni, Fundeb, Reuni, ProInfância, Brasil Profissionalizado e Mais Educa-

ção. No atual governo, iniciado em 2023, foram lançados o Pé-de-Meia, o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada e o Escola em Tempo Integral, além da retomada da expansão dos Institutos Federais.

Para um novo mandato, Lula propõe alcançar 80% de crianças alfabetizadas na idade adequada até 2030, ampliar creches, recompor aprendizagens e manter incentivos à permanência escolar. O problema é que preservar programas não garante, por si só, avanços na qualidade do ensino.

O Todos Pela Educação reconhece o alcance de políticas nacionais previstas no plano, mas aponta lacunas na formação inicial de professores, na expansão do ensino técnico para além da Rede Federal e na sustentabilidade financeira do Pé-de-Meia. Sem esclarecer como distribuir os recursos entre as prioridades, o governo corre o risco de anunciar novas frentes sem assegurar escala suficiente às políticas estruturantes.

Flávio propõe mudanças, mas deixa lacunas na execução

Flávio Bolsonaro defende ampliar escolas cívico-militares, incorporar inteligência artificial, robótica e educação financeira ao currículo, vincular repasses a metas de aprendizagem e criar vouchers para famílias sem vaga na rede pública. Também propõe expandir o ensino técnico em parceria com empresas e zerar, até 2030, o número de escolas sem água potável.

As propostas incluem temas relevantes, mas o plano não esclarece suficientemente como algumas medidas seriam financiadas e implementadas. No caso dos vouchers, faltam parâmetros detalhados sobre

valores, critérios de prioridade, fiscalização e capacidade de atendimento da rede privada.

O Todos Pela Educação também considera insuficiente a proposta de recomposição das aprendizagens. A tutoria entre estudantes pode ajudar, mas não substitui uma política nacional com diagnóstico, formação docente, materiais pedagógicos, metas e apoio às redes. A entidade ainda ressalta que as evidências disponíveis não permitem atribuir automaticamente melhores resultados à presença de militares nas escolas.

Especialistas cobram evidências, metas e recursos

Wigvan aponta que os dois candidatos deixam questões relevantes sem respostas suficientes, como a redução das desigualdades regionais, a ampliação das vagas em creches, a melhoria da infraestrutura e a garantia de professores em número adequado. Para ele, metas nacionais precisam vir acompanhadas de mecanismos capazes de considerar as diferenças entre redes de ensino e de medir os resultados alcançados.

A crítica também se estende às propostas de Flávio Bolsonaro. O professor ressalta que tecnologia, gestão por desempenho e modelos de escolas cívico-militares não devem ser tratados como soluções automáticas. Os resultados dependem do desenho de cada política, das condições de implementação e de avaliações consistentes. No caso dos vouchers, a ausência de regras operacionais detalhadas dificulta estimar o custo, a cobertura e os efeitos sobre a equidade.

O advogado e doutor em Direito Bento José Lima Neto destaca que tanto a con-

tinuidade quanto a inovação precisam ser avaliadas por seus resultados. “Continuidade não significa necessariamente eficiência, assim como inovação não representa, por si só, melhoria”, afirma.

Bento ressalta que a educação funciona em regime de colaboração entre União, estados e municípios. Por isso, um presidente não consegue executar sozinho todas as promessas de campanha. Propostas como vouchers em escala nacional e mudanças no financiamento por desempenho dependem de definição de custos, critérios de distribuição, responsabilidades administrativas e compatibilidade com as regras constitucionais.

Lima Neto também chama atenção para a distância entre prometer e executar. “O voto confere legitimidade para governar, mas não transforma automaticamente promessas eleitorais em políticas públicas”, diz.

A avaliação dos dois especialistas converge em um ponto. Os programas precisam esclarecer como pretendem transformar objetivos em resultados verificáveis. A diferença está no enfoque. Wigvan concentra a crítica no desenho das políticas, nas evidências educacionais e na insuficiência dos detalhes de execução. Bento chama atenção para os limites institucionais e para a responsabilidade dos governantes diante dos compromissos assumidos.

Quatro prioridades expõem os pontos cegos

O Todos Pela Educação destaca quatro frentes para 2027 a 2030, formação inicial de professores, recomposição das aprendizagens, reestruturação das avaliações

nacionais e educação integral em tempo integral.

Lula contempla a recomposição e o tempo integral, mas não detalha mudanças no Saeb e apresenta medidas limitadas para melhorar a qualidade das licenciaturas. Flávio prevê educação integral, aborda parcialmente a recomposição e não apresenta propostas específicas para formação inicial docente e reestruturação das avaliações.

A comparação revela que nenhum dos planos elimina as principais dúvidas sobre a capacidade de transformar promessas em resultados. O desafio será demonstrar de onde virá o dinheiro, quem executará cada medida, quantos estudantes serão atendidos e como a sociedade poderá cobrar resultados. Sem essas respostas, metas eleitorais correm o risco de permanecer no papel.



Governo de Goiás abre 105 vagas para o Agrocolégio em Goianésia

A Secretaria de Estado da Educação de Goiás (Seduc) abriu, nesta quinta-feira (8), as inscrições para o Agrocolégio Estadual Maguito Vilela, em Goianésia. São oferecidas 105 vagas para a 1ª série do Ensino

Médio Integrado ao Técnico em Agropecuária, com ingresso em 2027. Os interessados têm até 31 de outubro para se inscrever presencialmente na unidade ou pelo site goias.gov.br/educacao.

O processo seletivo avaliará uma carta de intenção do candidato, focando na motivação e no vínculo com a produção rural, além de entrevistas presenciais. Morar na zona rural e ter pers-

pectiva de sucessão familiar servem como critérios de desempate. Os aprovados deverão efetivar a matrícula entre 11 e 21 de dezembro de 2026.

Com regimes de semi-internato e internato, a insti-

tuição oferece alojamento, material didático, Chromebooks e uniforme técnico. A proposta pedagógica alia conteúdos escolares à prática do campo para incentivar a permanência do jovem no meio rural.



Grandes clubes ameaçados de rebaixamento para a série B

Depois de mais uma derrota na série A, o Corinthians demitiu o técnico Fernando Diniz. A derrota para o Internacional no Beira Rio foi a sétima consecutiva do “Timão” no Campeonato Brasileiro e oito jogos sem vencer na competição. O treinador deixou o clube após seis meses no cargo, com 13 vitórias, oito empates e 12 derrotas, com um aproveitamento de 47,5%. O alvinegro ocupa a 16ª colocação na tabela de classificação, com 32 pontos conquistados, apenas um ponto acima da zona de rebaixamento. O executivo de futebol Marcelo Paz confirmou a busca urgente por um novo treinador para o clássico contra o Palmeiras.

O Corinthians é apenas um exemplo de time grande à beira do rebaixamento para a série B em 2027.

No Sul, Grêmio e Internacional vivem o mesmo drama. De acordo com os matemáticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Grêmio tem 63,30% de probabilidade de cair para a série B; o Internacional, 49,50%; o Corinthians, 34,40%; e o Vasco da Gama 19,30%. Chapecoense e Remo vivem cenários praticamente irreversíveis na parte inferior da tabela. Restam, portanto, duas vagas para Grêmio, Internacional, Corinthians, Mirassol e Vasco da Gama. Enquanto na parte de cima da tabela Flamengo e Palmeiras seguem como favoritos absolutos ao título, como tem acontecido nos últimos anos, as maiores emoções na reta final do Campeonato Brasileiro parece que vão se concentrar na parte de baixo, na luta contra o rebaixamento.

Crise sem fim

O ambiente no Corinthians é de forte pressão e crise nos bastidores, marcado por uma sequência de resultados negativos e proximidade perigosa com a zona de rebaixamento no Campeonato Brasileiro. O “Timão” vive uma grave crise financeira, institucional e esportiva. Conforme balancete recente, a dívida total do clube está na casa de R\$ 2,8 bilhões, com um déficit acumulado de R\$ 278,7 milhões nos sete primeiros meses de 2026 (muito acima do orçado).

O clube tem atrasado salários, direitos de imagem, premiações com jogadores e comissão técnica, além de enfrentar transfer bans ativos (proibição de registrar novos atletas) e dificuldades para obter crédito ou antecipação de receitas. Nos bastidores, há uma forte pressão política e insatisfação interna sobre a gestão do presidente Augusto Melo e sua diretoria, com questionamentos sobre a estabilidade do futebol e bloqueios judiciais, como a suspensão temporária do contrato com a Fatal Fans.



Fernando Diniz, demitido após derrota para o Internacional

A dupla Gre-Nal vive também uma crise histórica sem precedentes no Campeonato Brasileiro, com ambos imersos em uma ferrenha luta contra o rebaixamento para a série B. Pela primeira vez na era dos pontos corridos, Grêmio e Internacional chegaram a frequentar a zona de rebaixamento juntos na reta final da

competição. Faltando apenas nove rodadas para o fim do campeonato, a pressão atingiu o nível máximo nos bastidores de Porto Alegre. A má fase e a derrota para o Vasco da Gama resultaram na demissão do técnico Luís Castro, gerando um ambiente de forte cobrança interna. No último compromisso, o Grêmio frustrou a torcida ao ceder o empate em 1 a 1 contra o Remo, em Belém. Vale lembrar que o Remo é um dos prováveis rebaixados para a série B.

A vitória do Internacional sobre o Corinthians agravou a crise no alvinegro, mas aliviou o ambiente pelos lados do Colorado. A partida marcou a estreia do técnico Eduardo Baptista, que trouxe uma postura mais defensiva e competitiva que reanimou a torcida. Com o triunfo, o Inter ultrapassou o rival e assumiu a 17ª posição com 31 pontos. O time está empatado em pontos com o Corinthians, o primeiro fora do Z-4, mas atrás nos critérios de desempate. O clube ainda busca soluções financeiras no mercado e tenta fechar um novo patrocínio master para equalizar o caixa.

“Sandálias da humildade” para Atlético e Vila Nova

Adson Batista afirmou categoricamente depois da vitória sobre o Goiás: o Atlético vai subir. No Vila Nova, as discussões giram em torno de uma possível ampliação do estádio Onésio Brasileiro Alvarenga para receber jogos da série A. Faltam seis rodadas para o final da competição e as duas equipes tropeçaram na rodada da última quarta-feira e outros tropeços podem acontecer, considerando que as duas equipes têm jogos difíceis pela frente. Os adversários considerados mais fracos já ficaram no passado, de agora em diante, a competição fica muito mais difícil, com mala branca correndo solta pelo Brasil.



Adson Batista: Atlético vai subir

Ninguém está classificado, portanto, bom seria que dirigentes, jogadores, técnicos e imprensa calcem as sandálias da humildade, caso contrário, podem amargar outra decepção no final da temporada. No Vila, Hugo Bravo está perdendo tempo em “bater

boca” com Tadeu, goleiro do Goiás, tentando diminuir o jogador esmeraldino, que não disputa mais vaga na série A em 2027. É hora de focar no “jogo a jogo”, na partida seguinte, sem perder tempo com problemas que não dizem respeito ao objetivo maior do clube no momento. No Atlético, não dá para entender qual a base de sustentação de Adson Batista ao garantir que o Dragão estará na série A em 2027. O time não é imbatível, tanto que perdeu em Maceió

para o CRB, que também quer uma vaga no G6. Converse com Guto Ferreira e ouvirá dele somente uma expressão: “vamos subir”. Otimismo é importante, mas Vila e Atlético estão confundindo otimismo com arrogância.

No OBA mais uma vez lotado, o Vila não conseguiu superar o Cuiabá na noite da última quarta-feira. O jogo ficou empatado em 0 a 0, com as duas equipes perdendo muitos gols, principalmente o Vila Nova, com André Luiz, que esteve em uma noite muito infeliz. Mas o Cuiabá também chegou muito perto de abrir o marcador, a vitória poderia sorrir para qualquer um dos adversários. Foi um tropeço para o Vila, um bom resultado para o Cuiabá. No estádio Rei Pelé foi diferente. O primeiro tempo terminou empatado sem gols, mas na etapa final, o CRB fez 3 a 0 no Atlético Goianiense, que marcou seu gol de honra nos minutos finais da partida.

O próximo jogo do Vila

contra o Náutico, em Recife, jogo muito difícil para as pretensões do Colorado. Se perder, o Vila pode deixar o G2. O Atlético joga em casa, mas tem pela frente um adversário terrível. Enfrenta o Sport Recife no estádio Antônio Accioly. O time pernambucano tem 50 pontos ganhos na oitava colocação, apenas dois atrás do Atlético Goianiense. Se perder, o Dragão sai do G6. Como se vê, não existe motivo para excesso de confiança, muito menos para o sentimento de que as duas equipes já estão na série A. Ninguém está classificado, tem muita coisa para acontecer ainda nas seis rodadas que restam para terminar a série B de 2027.

Munir Calixto Jr

A troca de presidente no Goiás parece que não afetou em nada o cotidiano esmeraldino. Aroldo Guidão saiu, ninguém sentiu sua falta. Munir Calixto entrou, ninguém percebeu. Calixto ainda não se manifestou publicamente, não disse quais

são suas idéias e o que pretende fazer para tirar o Goiás da situação em que se encontra. Seu mandato é pequeno, termina em dezembro quando acontecem as eleições para a nova diretoria. Como ele ainda não se dirigiu ao público esmeraldino, também não se sabe se ele é candidato ou se fica somente até a conclusão do mandato que era de Aroldo Guidão.

Em campo, o time continua se arrastando, sonhando com uma pouco provável classificação entre os seis primeiros colocados. Restam seis partidas para o fim da série B, e, para se classificar, o Goiás precisa vencer todas. Não dá para acreditar que um time com salários, premiações e direitos de imagem em atraso pode conseguir essa proeza. O Goiás é uma agremiação “fora da curva”. Em sua última entrevista, o técnico Mozart Santos afirmou que nem percebeu a mudança na presidência. Disse mais, nem conhecia Aroldo Guidão, ex-presidente do clube. Pode?

✓ O Anápolis anunciou a contratação do técnico Edson Silva para montar a equipe que terá pela frente o Campeonato Goiano, Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro da série C em 2027. Conhecido no futebol goiano, Edson Silva já comandou o Iporá, Mineiros, Jataiense, Santa Helena e Grêmio Anápolis.

✓ A derrota para o Mineiros por 2 a 0 confirmou o rebaixamento do Trindade para a terceira divisão do futebol

goiano. O Rio Verde já está classificado para disputar o Goianão da primeira divisão em 2027. Goianésia e Bom Jesus lutam pela segunda vaga.

✓ Lucas Rodrigues é a esperança do Goiás para a solução dos problemas financeiros que estão afetando a vida do clube. O jogador vive uma grande forma, marcou gol com a camisa da seleção brasileira Sub-20 e desperta o interesse de clubes do Brasil e do exterior.

✓ Enquanto veste a camisa esmeraldina, Lucas Rodrigues é peça importante no grupo. Em sua ausência, o Goiás foi derrotado por Atlético e Novorizontino. Voltou contra o Athletic-MG, jogou apenas 30 minutos e marcou o gol da vitória do Alviverde.

✓ Contra o Athletic-MG, o Goiás teve seu menor público na série B. Foram apenas 1.537 torcedores pagantes e 1.668 presentes no estádio da Serrinha. É o reflexo da campanha ruim da equipe neste segundo turno da série B.